

VI Congreso Interoceânico de Estudos Latinos Americanos

Simpósio 14: Impactos e afetos nas migrações contemporâneas

Alteridade e interculturalidade: integrações e estranhamentos nas narrativas de educação para imigrantes estrangeiros

Carlos Alberto Caetano¹

Filomena Maria de Arruda Monteiro²

Resumo

A conjuntura mundial começa a ser representada por uma cartografia-geográfica, em movimento, trata-se dos intensos fluxos imigratórios que atinge todos os continentes uns de maneira mais contundente outros menos. Mas fato é que precisamos entender qual o papel da educação frente aos movimentos imigratórios. As expressões mais legítimas tem vindo das narrativas de professores e alunos que vivenciaram, e estão imbricados neste processo. O Estado de Mato Grosso protagonizou o atendimento educacional para imigrantes estrangeiros, principalmente Haitianos. Iniciamos um processo de inserção dos imigrantes em ações educativas junto as escolas do sistema estadual de ensino. Temos vivenciado várias experiências novas no contexto, em que temos resignificado à compreensão da interculturalidade e da alteridade. Estes aprendizados tem sido externalizado junto a pesquisa narrativa que temos desenvolvido no curso de doutorado da universidade federal de Mato Grosso. Temos dialogado neste recorte temático da pesquisa com os seguintes autores; Castles e Miller (2004), que fazem uma abordagem passando pelas dimensões conceituais, conjunturais e culturais. Tratamos do singular/universal com Ferrarotti (2014), dialogamos também conceitualmente com Bauman (1998;1999;2007;2008), Santos (2002;2009;2011) Partimos da pesquisa narrativa, com Clandinin e Connelly (2015) vivenciando os momentos de um intenso movimento de contar histórias. Buscamos entender as experiências vividas pelos participantes da pesquisa. Abordaremos este recorte através de conversas narrativas com professores militantes e alunos das escolas que tem atendido a demanda migratória

¹ Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT/PPGE. caeettao@gmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso-UFMT/PPGE. filarruda@hotmail.com



internacional da área das diversidades educacionais. Estamos buscando entender as experiências vividas, entendidas a partir de uma dialética relacional, Ferrarotti (2014). Estes processos caminham para direção de construções de entendimento e enriquecimento cultural, tendo as escolas passam a ser este lócus.

Palavras chaves: imigrantes, narrativas, interculturalidade, alteridade, educação.

1-Introdução

Neste texto objetiva-se refletir sobre as imigrações e educação, trazendo alguns cenários para diminuir nossas inseguranças sobre as diferenças culturais, nos contextos das novas imigrações. Esta paisagem faz parte de um recorte de estudo que vem sendo empreendido no projeto de pesquisa de doutoramento denominado *Políticas Educacionais da Diversidade: Experiências Narrativas com Professores/ras Militantes*. Na referida pesquisa dialogamos narrativamente com professores imigrantes estrangeiros. Fizemos uma trajetória com autores que de alguma forma dialogam com os contextos e processos aqui problematizados. Num primeiro momento apresentamos narrativamente sobre a mobilidade e conflitualidades dos movimentos migratórios. No segundo momento trazemos reflexões sobre os cenários de alteridade, interculturalidade, integrações e estranhamentos. Num terceiro momento atuamos com as narrativas sobre experiências de imigração na educação em Mato Grosso.

2- Fluxos migratórios mobilidade, conflitualidades em movimento

Situamos como um dos grandes problemas mundiais da contemporaneidade a mobilidade humana, fruto de diversas variáveis explicativas, redesenham as cartografias humanas e geográficas, situando-se numa possível epistemologia das conflitualidades em movimento. Os impactos destes intensos fluxos migratórios são sentidos a cada momento com aumento da busca de refúgios pelos imigrantes em todas as partes do mundo. Enfrentamentos, etnocentrismos, xenofobia, discriminação raciais, feminicídios, são expressões desta conflitualidade que se movimenta gerando a violência como resposta ao diferente.



O medo bate as portas dos habitantes, que se envolvem nos discursos de segurança já partindo do pressuposto que estamos recebendo as escórias de outros países do mundo, explicita-se um sentido nacionalista-fascista, pois nossos medos nos projetam a um lugar de defesa e combate ainda desconhecido. Nossos estranhamentos nos situam numa compreensão selvagem em relação ao diferente, tecemos nossas defesas sem se deixar conhecer o outro. O diferente é denominado e nominado conforme discursos do senso comum corrente, impregnados de vícios, preconceitos e ignorâncias pelo desconhecimento. Diz Bauman (2004):

Um espectro paira sobre o planeta: o espectro da xenofobia. Suspeitas e animosidades tribais, antigas e novas, jamais extintas e recentemente descongeladas, misturaram-se e fundiram-se a uma nova preocupação, a da segurança, destilada das incertezas e intranquilidades da existência líquido-moderna (BAUMAN, 2004, pag.143).

As fragilidades de uma conjuntura política mundial dominada e usada por parte de uma classe dominante, nos obrigam a vivenciarmos enfrentamentos com os olhos voltados aos detalhes de uma alteridade em construção, precisamos reconhecer no outro as possibilidades de me conhecer enquanto ser. Esta complexa intersubjetividade ética, não só me solicita como presenteia o outro. Não posso ser sem o outro que me completa e humaniza. Bauman (1998) completa dizendo:

O mundo moral de Levinas estende-se entre eu e o outro. É esse espaço que Levinas repetidamente visita por intermédio de suas obras éticas, explorando-o com excepcional determinação e paciência. É no interior desse espaço que ele encontra o berço da ética e todo o alimento de que o eu ético necessita para manter-se vivo: o silencioso desafio do outro e a minha dedicada, mas desprendida responsabilidade. Este é um vasto espaço, até onde chega à ética: amplo o suficiente para acomodar o eu ético em seu pleno vôo, reduzindo a uma escala os mais elevados picos da santidade e todos os recifes submarinos da vida moral, as armadilhas que devem ser evitadas pelo eu em seu caminho para vida ética—para a admissão da incomoda responsabilidade por sua responsabilidade (BAUMAN, 1998, pág. 62).

Bauman (1998), mira para o horizonte, mas não se distância do ser em si, quando traz em seus pensar a subjetividade ética, há faz ciente de que somente a ética pode manter acesa a chama do sentido da alteridade, se me considero e por que existe em algum momento o reconhecimento, as considerações que me situam mantem vivo em mim minha essência ética, minha história me essencialista, me singulariza, mas também me projeta para o interior dos sentidos construídos



intersubjetivamente, na trama da vida as mediações são o alimento, que imediatiza o ser que se constitui, se apresenta como sentidos, símbolos, paradigmas que me singulariza e me coletiviza, trata-se de uma dialética da intersubjetividade, neste movimento, devo reconhecer o outro que há em mim. A vida ética conflitua com a vida moral, pois não se faz enxergar a não ser pela co-responsabilização da formação para a vida em justiça social.

A responsabilidade da responsabilidade humana é manter a ética pela manutenção da vida, os cenários se confundem, em meio tantas contradições, mas não podemos aceitar que os seres humanos se transformem em “lixos no mundo”, não há razão que justifique a perda do valor humano, pois ainda que não sejamos os únicos seres com vida na terra, podemos vivenciar a vida, sempre como partes de outras vidas, ao contar sobre as histórias de vida, lançamos nossas rede sobre as chamadas “vidas”, nossas intersubjetividades são os “nós críticos” de nossas vivências, nós somos seres singulares /universais, conforme afirma Ferrarotti (2014).

As histórias dos imigrantes explicita as crises sem precedentes que tem mobilizado o mundo, mas ligam os motores de um tempo de mudanças, que se inicia na clareira das interculturalidades, tratam-se da dialética das interpretações, as conflitualidades hermenêuticas das vivências.

3- Alteridade e interculturalidade: integrações e estranhamentos

A chegada de imigrantes de todas as partes do mundo coloca em evidência a fragilidade do “globalismo localizado”, trata-se de um discurso que se situa localmente e tenta atingir globalmente, outras regiões. Estes cenários em movimento, escancaram a “colonialidade³ do poder”, conforme nos aponta Quijano (2017), que ao

³- Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a Colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a Colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoira que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjetividade do mundo tão enraizado e prolongado. Pablo González Casanova (1965) e Rodolfo Stavenhagen (1965) propuseram chamar Colonialismo Interno ao poder racista/etnicista que opera dentro de um Estado-Nação. Mas isso só teria sentido a partir de uma perspectiva eurocêntrica sobre o Estado-Nação. Sobre as minhas propostas acerca do conceito de



longo dos vários sistemas políticos se esconderam, foram paradigmas que não foram superados de forma definitiva, as rupturas dos paradigmas no exercício do poder político, não significam superações, pois estas guardam características que vem átona nos tempos de niilismo⁴, tempos de explicitações das condições humanas.

As imigrações se situam enquanto um fenômeno que revela as faces escondidas das políticas locais, as repressões civis, os medos das torturas, as violências dos grupos militares, dos governos autoritários. As populações mergulhadas no medo de perder a vida buscam refúgios em outros países. Estas buscas expressam também suas interfaces, as dialéticas culturais, estimulam o surgimento da interculturalidade⁵, esta possibilidade abre para uma reciprocidade em construção, que se traduz em trocas e interações culturais novas aprendizagens guiadas pela alteridade.

A educação se resignifica numa variedade de cenários significativos, que vai desde experiências de novos idiomas e linguagens, aos saberes construídos culturalmente ao longo de suas vidas. Modos educativos, respeito aos valores humanos, formas diferentes de vivências com os docentes na escola.

Os diferentes cenários mundiais reafirmam, tempos de um colonialismo aparentemente distante, os sentidos das mobilidades imigratórias, estão tecendo as grandes narrativas humanas entre as múltiplas culturas humanas, o niilismo anunciado, atinge os valores dominantes frutos da validação científica holística, mas seus ecos locais não atingiram os entendimentos globais, isto por que ao longo desta histórica trajetória de constituição de conhecimento científico, muitos saberes

colonialidade do poder remeto, sobretudo, para os meus textos Quijano, 1991, 1993a, 1994, assim como Quijano e Wallerstein, 1992.

⁴ -Este conceito teve origem na palavra em latim *nihil*, que significa "nada". O seu sentido original foi alcançado graças a Friedrich Heinrich Jacobi e Jean Paul. Este conceito foi abordado mais tarde por Nietzsche, que o descreveu como falta de convicção em que se encontra o ser humano após a desvalorização de qualquer crença. Essa desvalorização acaba por culminar na consciência do absurdo e do nada. <https://www.significados.com.br/niilismo/>.

⁵ - Ao contrário do multiculturalismo – que pressupõe a existência de uma cultura dominante que aceita, tolera ou reconhece a existência de outras culturas no espaço cultural onde domina – a interculturalidade pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural.



experienciados foram deixados de lado, tornaram desperdícios de experiências, conforme diz Santos e Meneses (2010):

A segunda ideia é que esta dupla intervenção foi de tal maneira profunda que descredibilizou e, sempre que necessário, suprimiu todas as práticas sociais de conhecimento que contrariassem os interesses que ela servia. Nisso consistiu o epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena (Santos: 1998: 208). De facto, sob o pretexto da 'missão colonizadora', o projecto da colonização procurou homogeneizar o mundo, obliterando as diferenças culturais (Meneses, 2007). Com isso, desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política do mundo (SANTOS; MENESES, 2010, págs.16 e 17).

Reafirmamos os pensamentos dos autores acima, nós o fazemos num contexto de estudos e pesquisas onde metodologicamente, sentimos que podemos construir espaços para novas epistemologias e filosofias. Estamos vivenciando um momento de transição, de entrada de novos paradigmas, mas, sobretudo momento de pensarmos em métodos que nos conduza, valorizando nossas histórias e sentidos para a construção de novos conhecimentos, conhecimento que reconheçam diferenças, que não subestime saberes, que não ignore evidências. Diz Castles e Miller (2004):

La investigación sobre la migración es por tanto intrínsecamente interdisciplinaria: sociología, ciencia política, historia, economía, geografía, demografía, psicología y derecho son todas disciplinas relevantes (Brettell y Hollifield, 2000). Éstas examinan diferentes aspectos de la movilidad poblacional; una comprensión plena requiere contribuciones de todas ellas. Dentro de cada disciplina científico social, se presenta una diversidad de aproximaciones basadas sobre diferencia sen teoría y métodos. (CASTLES E MILLER, 2004, pag.34)

Quando se trata de imigrações cada vez mais temos vivenciado cenários de grande violência, os meios de comunicações têm denunciado os torturantes itinerário, os mesmos fazem as vezes guiados pelos "coiotes" que fazem a travessia de famílias inteiras pelas fronteiras entre países. Deixam tudo para traz, vendem seus pertences por valores muito baixos para buscar a vida em outros lugares onde se sentem seguros, deixam seus Estados-nação, estimulados pela busca de dias melhores.

Finalizando o panorama imigratório internacional, os dados demonstram uma conjuntura de fortalecimento neoliberal, com uma grande concentração de capital especulativo o que não tem gerado empregabilidade os Estados Nacionais, seus



recursos estão a serviço de mover os fluxos de investimentos em bolsas de valores e grande financiamento de setores privados, que atuam vendendo sua força ao próprio Estado, trata-se da terceirização dos serviços públicos. Isto posto se intensifica ainda mais quando pensamos que a função dos Estados democráticos de Direitos e garantir cidadania, pois a globalização neoliberal está a serviço da venda e compra de serviços dos setores capitalistas. Neste sentido os modelos de Estado neoliberal caminham para intensificar as imigrações como produto rendável e comercializável a outros países, desde que não sejam os seus países. Estas têm sido as posturas assumidas pelos países membros do Conselho de segurança das Nações Unidas, imigrações só é problema quando significa evasão de divisas internacionais aos setores internos dos mercados, não há preocupações quanto os imigrantes serem mão de obras "Barata" para os mercados estrangeiros ou que sejam alvos de seguidas explorações no trabalho, ou que não tenham direitos sociais garantidos por isto pensar a complexidade das imigrações significa pensar sob o peso da instabilidade e conflitualidade pós-moderna.

4- Narrativas sobre experiências de Imigração na educação em Mato Grosso

Para o entendimento e aprofundamento sobre as experiências de imigração na educação em Mato Grosso, adotamos a abordagem qualitativa, com foco na pesquisa narrativa, criando um espaço de coparticipação entre os envolvidos, por isto optamos pelas conversas narrativas, trazendo com pensamento os caminhos defendidos por Clandinin e Connelly (2015), ao expressarem suas convicções em relação a este método:

(...) estávamos nos focalizando para entender a experiência. Vimos nosso problema de pesquisa como uma tentativa de pensar sobre a continuidade e o todo de uma experiência de vida individual. Este problema de pesquisa em nossos estudos sobre educação eventualmente nos trouxe a narrativa. Então, começamos a refletir sobre o todo das ciências sociais com suas preocupações sobre a experiência humana. (...) conseqüentemente par nós, experiência é uma palavra chave. Educação e estudos em educação são formas de experiência. Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa, porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela. Cabe dizer que o método narrativo é uma parte ou aspecto do fenômeno narrativo. Assim, dizemos que o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais. (CLANDININ E CONNELLY, 2015, pag.48)



Existe narrativamente falando em relação aos migrantes estrangeiros, uma busca de viver melhor, esta intencionalidade é que nos move, em jornadas que passam por vários países, em conversas narrativas no convívio com Jacques professor-interprete do “*créole*” idioma falado pelos haitianos, para mergulhar em sua historia sobre o que foi a “saga” enfrentada por este imigrante, que veio em busca de dias melhores. Estabelecemos este diálogo no dia 28 de fevereiro de 2017, ocasião em que eu e Jacques tivemos uma longa conversa, sobre suas

(...) eu viajei, eu sempre viajei para República Dominicana eu viajo para República Dominicana e volto no Haiti naquele momento do terremoto eu não estava no Haiti, eu estava em República Dominicana depois eu vi e voltei para o Haiti, coloquei mais um visto e entrei em República Dominicana e eu viajei para o Brasil e o seguinte estava cursando dois semestres da Teologia ai eu tive que deixar porque as coisas estavam bem difíceis para mim e resolvi vir para o Brasil. (Prof. Jacques, 2017)

Como podemos verificar de fato no caso do professor–interprete Jacques, o estímulo para a vinda para o Brasil, foi em busca de dias melhores na vida. Ele fez uma grande trajetória em que o único elemento concreto que trazia era a esperança de conseguir se estabelecer no Brasil. Sua trajetória não se deu em função do terremoto no Haiti, mas ele foi até sua terra após o terremoto antes de vir para o Brasil. Sentiu de perto os cenários de sua terra natal, não havia sinais que possibilitasse pensar em seu desenvolvimento em sua sobrevivência, O prof. Jacques, passou a contar sua trajetória:

(...) eu passei pelo Equador, passei na verdade numa escala em Panamá, Peru, Bolívia e depois Brasil é uma rota muito grande e também bem sofrida, mesmo é que a gente, faz está viagem só do Haiti para o Panamá, Equador que é de avião, o restante todo de ônibus. (Prof. Jacques, 2017)

A narrativa de Jacques (2017) dialoga com as falas políticas dos agentes que atuam no Ministério da Justiça no que se refere às questões políticas, quando o representante do Departamento de Migrações compreende que sua função é de garantir o atendimento de todos os imigrantes estrangeiros, através do visto humanitário : Em relação à garantia de políticas ao imigrantes estrangeiros:

(...) O fato de que por mais que Ministério da Justiça e o Departamento de Migrações tenha várias atribuições regimental regulamentada por decreto, por questões políticas, infelizmente foi omisso, em relação ao trato dessa matéria e como ela demandava resposta, imediata politicamente se empurrou para o Conselho Regional de Imigração, sobre a justificativa que ele tinha uma representatividade mas ampla da sociedade.



Então hoje temos uma série de resoluções normativas do Conselho Nacional de Imigração que regulamenta situações pontuais dos estrangeiros no Brasil como é o caso por exemplo do visto humanitário, que apesar de ter sido concedido em ocasiões pontuais, no momento onde ele se fez presente e tomou uma notoriedade foi quando houve aquele desastre natural no Haiti e que milhares de haitianos vieram para o Brasil, para poder retomar suas vidas de uma maneira mais digna e entraram com uma série de pedidos de refúgio, quando legalmente a situação dele sobre a ótica da interpretação que é dada inclusive da antiga lei do Departamento de Migrações, não era caso de refúgio, então criou se essa figura do visto humanitário no âmbito do Conselho Nacional de Imigração para regularizar a situação migratória dessas pessoas. (Ministério da Justiça, 2017)

Clandinin e Connelly (2015) nos leva a pensar e vivenciar a pesquisa narrativa dentro das nossas próprias vivências, trata-se de viver e ao mesmo tempo tomar para si está vivência de forma a poder contá-la como uma história de sua vida, como outras vidas, e ao contá-la reviver os sentidos e os significados de estar recontando uma experiência vivida e que marca seu ser enquanto sujeito narrativo.

Clandinin e Connelly (2015), nos leva a pensar num espaço tridimensionalmente, possibilitando nos aproximarmos intimamente da experiência vivida, trata-se *de viver a temporalidade ao longo da primeira dimensão, o pessoal e social ao longo da segunda dimensão e o lugar ao longo da terceira dimensão.*

Porque o Brasil? Nesse período o Brasil estava em missão de estabilização de paz no Haiti, com homens das Forças Armadas e também para auxiliar na reconstrução do Haiti após o terremoto, facilitando a entrada dos haitianos no Brasil, uma vez que por intermédio da Embaixada do Brasil no Haiti, os haitianos poderiam vir para o Brasil com visto provisório ou humanitário emitido no próprio país de origem.

Muitos dizem que a permanência no Brasil, se tornaria difícil pelo fato de não haver espaços disponíveis para o aprendizado da língua portuguesa, mas disse Jacques (2017);

(...) Quando aqui cheguei fui na UFMT no Instituto de Linguagem. Eu acho que já poderia ter algum acesso para apreender falar o português, infelizmente não tem, é só se você tiver uma bolsa de estudo só isso mesmo não tem como estudar eu vi que, fiquei bem triste mesmo, depois falei, se não tiver como a gente voltar a estudar, eu conheço eu tenho outro amigo que fala a mesma coisa que nós três junto fomos lá para ver qual é a possibilidade, de repente ele falou mesma coisa, surgiu a questão de organizar a gente montar uma entidade para lutar pelos direitos dos Haitianos. Pensamos o seguinte se tivermos está ONG, podemos concretizar muitas coisas na ONG. Através da ONG o pessoal vai conhecer. Surgiu este projeto com senhora



Antonieta, a professora Antonieta Luisa Costa, fez um trabalho este projeto surgiu na verdade, eu cursei um mês e pouco na UFMT, a gente estava procurando na UFMT, não tinha esta possibilidade e veio um senhor lá de Rondônia, senhor Geraldo ele veio, com este projeto para UFMT. O pessoal fala, aqui temos que fazer a revalidação do documento ai eu fiquei pensando assim que eu voltei eu fui no projeto da Escola estadual Leovegildo de Mello, hoje que estou trabalhando. Neste projeto deu tudo certo e começar a cursar lá, cursei lá meu português estava mais ou menos do que os outros, e já passei fiz umas reclassificações e daí eu fiz as provas deu tudo certo graças a deus ai eu comecei primeiro ano e segundo ano, terceiro ano e já terminei o ensino médio. Eu falo o espanhol, francês, crioulo que é nosso inglês um pouco, não falo fluentemente mais espanhol fluentemente, francês fluentemente, crioulo e o português que eu estou aperfeiçoando. hoje em dia estou procurando aperfeiçoar meu português porque eu preciso conversar eu preciso articular bem eu preciso então é desta forma que surgiu essas o projeto continuar envolvendo e ai eu consegui entrar com contagem de pontos Aqui no E.E Leovegildo de Melo, o serviço que estou fazendo aqui trabalhando a noite e de dia eu fazia, num curso técnico antes de ir para escola. (Prof .Jacques ,2017).

A narrativa do prof. Jacques (2017), apresenta várias questões em relação as dificuldades aqui encontradas, um dos primeiros desafios levantado por ele é que já estava cursando teologia, mas teve que parar, como não tinha documentação, procurou a UFMT, no primeiro momento não conseguiu apoio para apreender o português, tive a oportunidade de estar presente nestes momentos importantes já que vinha discutindo formas de ampliar o atendimento da educação para imigrantes pelo Conselho Estadual de Educação.

5- Conclusões iniciais

Temos que pensar as conjunturas políticas internacionais dos países envolvidos em fluxos migratórios, entendo que a conflitualidade sociológica é parte constitutiva dos novos cenários, onde as convivências demonstram que devemos pensar a partir da interculturalidade. Trata-se das novas relações em sociedade, ou seja a interculturalidade é parte constitutiva da construção de uma ética intersubjetiva para uma convivência a partir de uma cultura de alteridade.

As experiências de interculturalidade instituídas voluntariamente pelas migrações trazem para o espaço da educação novas demandas, algumas internacionais, desconstrói paradigmas, questiona o já estabelecido levando a um estado de autocrítica, de revisão sobre os caminhos para formação dos professores e suas profissões.



6- Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt, Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos, tradução Carlos Alberto Medeiros, Editora Zahar, Rio de Janeiro-RJ, 2004

BAUMAN, Zygmunt, O Mal-estar da Pós-modernidade, Rio de Janeiro-RJ, Editora Jorge Zahar, 2004.

CASTLES, S., MILLER, M. J., La era de La migración: movimientos internacionales de población em el mundo moderno, traducción: Luís Rodolfo Morán Quiroz, México, Grupo editorial Miguel Angel Porrial, 2004.

CLANDININ, D Jean ; CONNELLY, F.Michael, Pesquisa Narrativa : Experiencia e Historia em Pesquisa Qualitativa, 2 Edicao revisada, Uberlandia- EDUFU, 2015.

FERRAROTTI, franco: Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi, História e Histórias de vida: O método biográfico nas ciências sociais, Natal-RN: EDUFRN, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula, Epistemologias do Sul, Editora Cortez, São Paulo, 2010.